



Crônica da Cidade

por **Conceição Freitas** >> conceicaofreitas.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

www.dzai.com.br/blog/blogdaconceicao

Modos e modos

Na coluna Fora do Plano da segunda-feira passada, cometi um erro de edição. A coluna pretendia mostrar as seis cidades que já existiam no quadrado quando a capital foi inaugurada. Qual seja, pela ordem de fundação: Planaltina, Brazlândia, Candangolândia, Núcleo Bandeirante, Taguatinga e Cruzeiro. Com a sempre preciosíssima ajuda do Centro de Documentação do Correio, localizei belas imagens antigas da cidade.

No momento — crucial — da edição das fotos, identifiquei cada uma delas pelo nome da cidade e, ao lado, acrescentei a data de fundação de cada uma das seis. E nada mais. Foi o meu erro. O leitor não tinha como adivinhar que a data na legenda se referia à de fundação, embora o texto explicasse que aquelas cidades eram mais antigas do que o Plano Piloto. Mas o leitor teria de fazer um enorme esforço de interpretação para chegar a essa conclusão, se conseguisse chegar, porque não era fácil. Exercício adivinhatório, talvez.

Errei. Ponto.

Na manhã seguinte, logo cedo, recebo um telefonema de um leitor atento. Estava meio irritado. Dizia que a data na legenda

não correspondia à imagem. Mostrava que na foto de Brazlândia, as crianças estavam de saias curtas e bolsas a tiracolo, embora a data na legenda fosse 1933. Que Planaltina aparecia com uma rua asfaltada, embora a data constante fosse de 1859, quando a pavimentação ainda era feita, principalmente, com paralelepípedos.

O leitor estava pleno de razão, mas o modo como ele apontava o erro era um tanto quanto imperativo. Obediente à regra de que leitor tem de ser tratado a pão-de-ló (para usar uma expressão bem antiga, ao modo da coluna de segunda-feira), tentei — não sem esforço — explicar que a data da foto vinha deitada à margem dela. Embora, muitas imagens do acervo possam estar sem

identificação de data. O que era o caso de cinco das seis fotos. Foi um modo travesso de diminuir a importância do erro.

Até que o leitor me chamou de “minha filha”, e eu não me contive: “Não sou sua filha”. Ao que ele ficou possesso. Argumentou que era um tratamento carinhoso. Eu disse que não. Que na minha casa, o meu pai usava esse tratamento com terceiro, e eu achava feio e desrespeitoso. Desqualifica o interlocutor, é patriarcal. “Então, está explicado”, ele retrucou. Disse mais alguns impropérios e desligou.

Cinco minutos depois, chega um e-mail de outro leitor, fazendo as mesmas observações. Ah, mas que diferença! Que cuidado, que elegância. Tivesse sido um contato pessoal, teria lhe dado

um abraço, acompanhado do devido pedido de desculpas.

Fiquei pensando em como me irrita com os atendimentos nos calls centers. E como aquelas moças e rapazes não devem terminar o dia renegando a espécie humana.

Comentei o episódio para Dad Squarisi, que me contou uma história muito boa. A condessa Pereira Carneiro, dona do *Jornal do Brasil*, entrevistava Tancredo Neves, ao que ele usou o deselegante tratamento — “Minha filha”. A condessa reagiu: “Não sou sua filha”. Na minha Certidão de Nascimento, constam os nomes de... e citou pai e mãe.

Peço desculpas aos leitores pela confusão nas legendas.